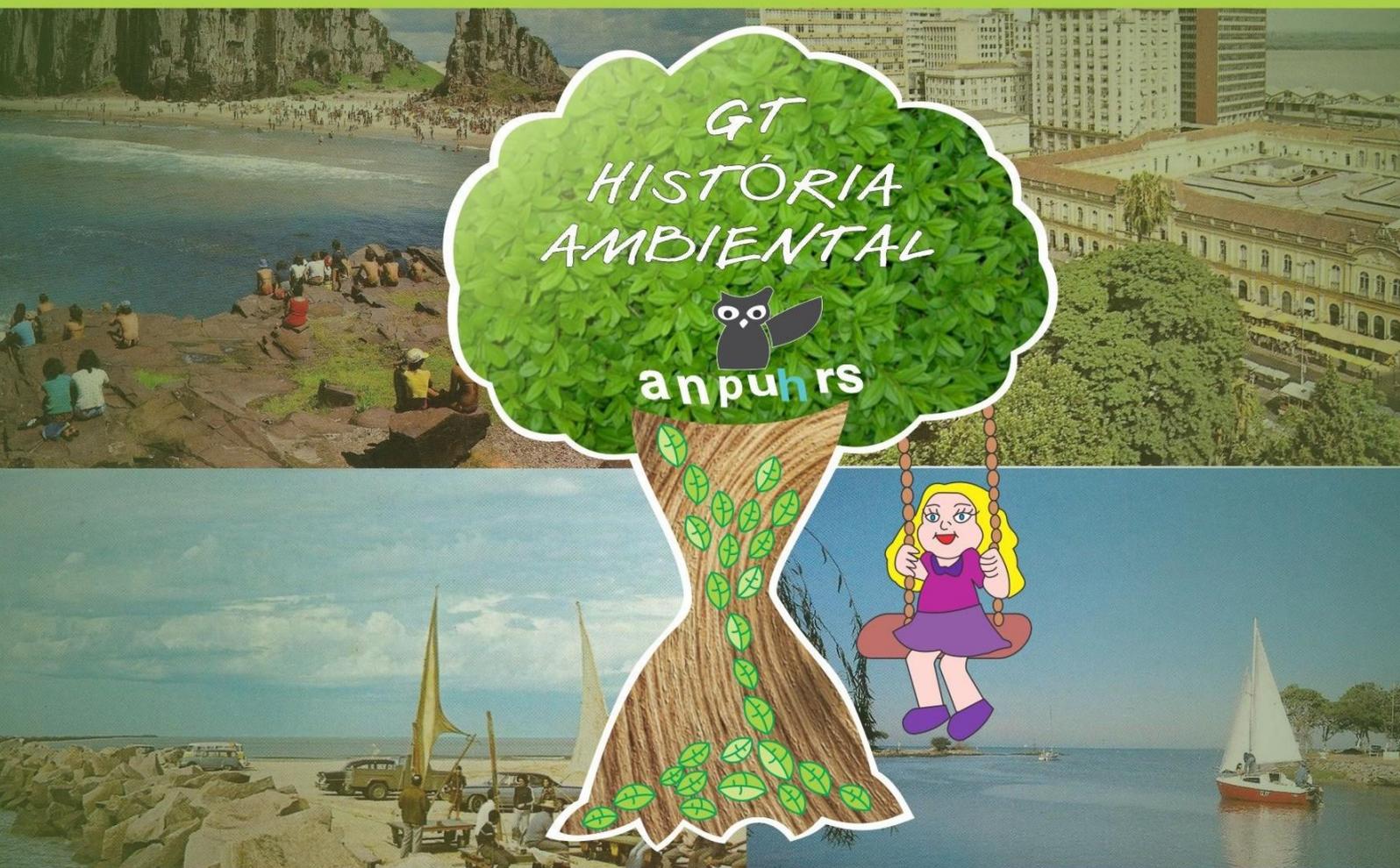


Resumos das Comunicações

II JORNADA

Gaúcha de

HISTÓRIA AMBIENTAL



Daniel Porciuncula Prado
Elenita Malta Pereira
Fabiano Quadros Rückert
Organizadores

Comissão Organizadora do Evento

Bread Soares Estevan
Carmem G. Burgert Schiavon
Daniel Porciuncula Prado
Elenita Malta Pereira
Fabiano Quadros Rückert
Hardalla do Valle
Janaina Schaun Sbabo
Lucas Brandão

Colaboradores

Adrelise Santorum
Alexandre da Silva Borges
Alexandre Silva da Silva
Camila Rola Alves
Francine Barboza dos Santos
Gabriela Costa da Silva
Gabriel Brasil Lopes
Julia Ramos Telles
Julian Pereira Kepts
Keli Ávila dos Santos
Larissa Oliveira Mendes
Luiz Felipe Crizel Pinheiro
Luiz Paulo da Silva Soares
Milene Chave Cabral
Nádia Rosane da Costa Jaques
Nathaly de Lima
Norma Motta
Taciane Borges Umpierre
Vanessa de Cássia Lopes
Yasmin Pereira Rosa

**RESUMOS
DAS
COMUNICAÇÕES
DA
II JORNADA GAÚCHA
DE
HISTÓRIA AMBIENTAL**

Rio Grande, 8 & 9 de agosto de 2013

Organizadores

Daniel Porciuncula Prado
Elenita Malta Pereira
Fabiano Quadros Rückert
Carmem G. Burgert Schiavon

Capa

criação do GT de História Ambiental ANPUH/RS
LAHIS (Laboratório de História, Imagem e Som)
Fernando Marrera

Diagramação e formatação eletrônica

Lucas Brandão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J828 Jornada Gaúcha de História Ambiental (2. : 2013 : Rio Grande).
Resumos das Comunicações da II Jornada Gaúcha de História
Ambiental, 8 a 9 de agosto de 2013 / Jornada Gaúcha de História
Ambiental - Rio Grande : Editora da FURG, 2013.

1 cd.

ISBN: 978-85-7566-294-6

1. História. 2. História Ambiental. 3. Educação Ambiental. 4. Patrimônio.
I. Título.

CDU: 504:37

Catalogação na Publicação: Renata Braz Gonçalves CRB 10/ 1502

APRESENTAÇÃO

Ambientalismo, história ambiental, ecologia política, educação ambiental, patrimônio, preservação, conservação, socioambientalismo, sustentabilidade, pertencimento... múltiplas são as expressões que designam questões relacionadas ao Meio Ambiente. Nesta perspectiva plural, os Cursos de História da Universidade Federal do Rio Grande protagonizam a II Jornada Gaúcha de História Ambiental, evento que pouco a pouco vai se enraizando e demarcando espaços junto à comunidade acadêmica, assim como à sociedade civil organizada e entre todos aqueles interessados nos rumos de um debate comprometido com as demandas ambientais e sociais, temas tão urgentes em um país que continua a insistir em um modelo econômico concentrador de renda, pouco preocupado com o equilíbrio das bases da vida.

Todavia, a FURG, com seu direcionamento vocacional voltado ao ecossistema costeiro, amplia seus horizontes por meio da proposta político-pedagógica dos Cursos de História, procurando estabelecer um novo olhar sobre os temas relacionados à natureza e suas diretas implicações na formação das sociedades.

Longe de um olhar cartesiano e fragmentado, a História Ambiental vem ganhando adeptos, interessados, tornando-se uma história cada vez mais reconhecida no seio dos historiadores brasileiros. Passo a passo fundam-se Grupos de Trabalhos regionais vinculados à Associação Nacional de História e a FURG lidera este papel com a constituição do GT de História Ambiental ANPUH/RS. Diversos estágios curriculares e monografias de conclusão de Curso, projetos de pesquisa e de extensão são criados a cada ano nesta Universidade, vinculando História, meio ambiente, educação ambiental e educação patrimonial e que agora se consolidam com a concretização da II Jornada Gaúcha de História Ambiental.

Em uma fundamental parceria entre o Curso de História Bacharelado Gestão do Patrimônio Socioambiental, em consonância com o Mestrado em História, o Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) e o GT de História Ambiental ANPUH/RS, apresentamos este evento que se firma como polo nacional do debate, envolvendo cientistas sociais e historiadores interligados à temática do meio ambiente.

Pesquisa, ensino, produção de conhecimento e, com isto, a preparação de quadros que possam pensar e intervir na construção de políticas socioambientais, em parceria com as Escolas, gestores, movimentos ambientais e organizações não-governamentais. Eis a nossa pretensão, tendo em vista que queremos ampliar o debate e ajudar na construção de pontes que tenham como objetivo mudanças em nossa região, inspirados no antigo jargão ambientalista: “Agir localmente pensando globalmente...”

Prof. Dr. Daniel Porciuncula Prado
Organizador do Evento

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
SUMÁRIO	7
RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES	9
DEGRADAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS BANHADOS DO RIO DOS SINOS NA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO – RS	11
REPRESENTAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DE PERTENCIMENTO E SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	12
OS DISCURSOS INSTITUCIONAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA	13
OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO ESPAÇO AGRÁRIO BRASILEIRO: CONSEQUENCIAS NO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO E SOCIOAMBIENTAL DENTRO DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA POSSE DA TERRA NO SISTEMA COLONIAL ..	14
O ESPAÇO URBANO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	15
MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS	16
ENCHENTE DE 1941: IMPACTOS NO COTIDIANO	17
ARROIO SÃO LOURENÇO: HISTÓRIAS DE GLÓRIA E INUNDAÇÕES.	18
A CONVIVÊNCIA COM AS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ/SC.....	19
VISÕES SOBRE A NATUREZA NA OBRA “VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL 1820-21”	20
BALNEÁRIO DOS PRAZERES: IMPACTOS AMBIENTAIS E AÇÕES ANTRÓPICAS. UM ESTUDO DE CASO SOB O PRISMA DA FONTE JORNALÍSTICA.	21
A HISTÓRIA AMBIENTAL NA INTERPRETAÇÃO DA DEGRADAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS EM ÁREAS RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	22
RECANTO NOSSA SENHORA DE LOURDES	23
PERCEPÇÕES INFANTIS: A QUALIDADE DO TEMPO-ESPAÇO DAS CRIANÇAS NA PRAÇA SARAIVA.....	24
PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DO RIO GRANDE PELO VIÉS DO ARQUIVO DA CIDADE E SEUS DOCUMENTOS OFICIAIS	25
CHARQUEADA SÃO JOÃO: MAIS DE 200 ANOS DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO. ..	26
HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES	27
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO “MAPEAMENTO, ANÁLISE E UNIVERSALIZAÇÃO DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS VOLTADAS À INSERÇÃO CURRICULAR DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE”	28
TEORIA DA COMPLEXIDADE: APORTES EPISTEMOLÓGICOS PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL	29
HISTÓRIA AMBIENTAL DA CIDADE DO RIO GRANDE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: PERCEPÇÕES ESTRANGEIRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA	30
ANTIGAS PAISAGENS FLUMINENSES: A HISTÓRIA AMBIENTAL NA OBRA DE ALBERTO LAMEGO.....	31

HISTÓRIA AMBIENTAL: UM ESTUDO DO CULTIVO DA SOJA NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL, NA DÉCADA DE 1970.....	32
ENSINO DE HISTÓRIA NA HORTA ECOLÓGICA ESCOLAR: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA AMBIENTAL.....	33
A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO BIOLÓGICO PARA HISTÓRIA AMBIENTAL	34
POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL: UM RELATO DE CASO DO GRUPO DE ESTUDOS MOVIMENTO E AMBIENTE	35
EUCALIPTOS: PRODUÇÃO, DISPERSÃO E MODIFICAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS.....	36
ENTRE O ZELO E A DESTRUIÇÃO: IMIGRAÇÃO ALEMÃ, <i>COMMONS</i> E FLORESTAS NO SUL DO BRASIL E NA ALEMANHA (SÉCULO XIX)	37
BREVE APONTAMENTO DAS TRANSFORMAÇÕES FEITAS PELO HOMEM NAS ESTRUTURAS NATURAIS DA CIDADE DE RIO GRANDE	38
BIGRIVER: NA ENCRUZILHADA ENTRE CUBATÃO E MACAÉ.....	39
ARQUEOBOTÂNICA EM SÍTIO ARQUEOLÓGICO GUARANI: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A COLETA DE VESTÍGIOS VEGETAIS	40
“ADEUS AOS LIXÕES”: UMA INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL DA CIDADE DO RIO GRANDE /RS (DÉCADA DE 1990).	41
BIOMA PAMPA E PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL	42
ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES NUM CURSO NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	43
A PRESENÇA JÊ MERIDIONAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO FORQUETA/RS SOB UMA ABORDAGEM HISTÓRICO AMBIENTALISTAS.....	44
A OCUPAÇÃO HUMANA DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DA APA TAMBABA: UM OLHAR HISTÓRICO AMBIENTAL	45
AS PECULIARIDADES DO CRESCIMENTO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX	46
A ILHA DA TOROTAMA SOB A PERSPECTIVA DO ESTADO: PROBLEMATIZANDO A VISÃO DA EMATER SOBRE A COMUNIDADE TRADICIONAL NA DÉCADA DE 90	47
<u>ÍNDICE REMISSIVO</u>	49
<u>ÍNDICE DOS AUTORES</u>	51

**RESUMOS
DAS
COMUNICAÇÕES**

DEGRADAÇÃO E PRESERVAÇÃO DOS BANHADOS DO RIO DOS SINOS NA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO – RS

FABIANO QUADROS RÜCKERT

Doutorando no PPG História da UNISINOS. fabianoqr@yahoo.com.br

Resumo: Uma das principais características do Rio dos Sinos é a existência de áreas periodicamente inundadas pelas suas cheias e popularmente chamadas de *banhados*. Portadores de uma vegetação adaptada para as variações no nível do rio, os *banhados* são elementos comuns na paisagem da parte mais baixa Vale dos Sinos. Nesta região, a pressão demográfica e a expansão urbana produziram um processo de degradação dos banhados tem sido denunciado e combatido pelo movimento ambientalista local. O tema da comunicação proposta insere-se neste contexto abordando experiências de degradação e preservação dos banhados do rio dos Sinos na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Os documentos consultados ressaltam a existência de múltiplas representações sobre os banhados e contemplam as discussões sobre o destino dessas áreas como parte da história de uma cidade diretamente ligada ao ecossistema do rio dos Sinos. Dentro da perspectiva da História Ambiental, o binômio degradação/preservação ganha significação histórica nas ideias e ações voltadas para os diferentes tipos de incorporação dos banhados no metabolismo urbano da cidade.

Palavras-chaves: Banhados do rio dos Sinos, Degradação, Preservação

**REPRESENTAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS DE PERTENCIMENTO E
SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM
UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**

DANIELA DA SILVA PIEPER

Msc em Educação Ambiental PPGEA/ FURG. danypieper@gmail.com

Resumo: O artigo se propõe a apresentar aspectos principais de um estudo que visa identificar e compreender as noções de meio ambiente, pertencimento e sustentabilidade que permeiam e influenciam as questões socioambientais estabelecidas durante o saber/fazer profissional de servidor técnico-administrativo em uma Instituição Federal de Nível Superior (IFES). A investigação tem natureza qualitativa e aporte teórico e metodológico na Teoria das Representações Sociais (TRS) e no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Para análise, os dados foram colhidos em atividades desenvolvidas em curso de capacitação para os servidores de agosto a novembro de 2010, na Instituição. Considera-se que as noções de meio ambiente, pertencimento e sustentabilidade, constituem-se como representações essenciais para a compreensão das relações socioambientais que qualificam as práticas profissionais, ao manifestar o comprometimento com as questões ambientais, bem como as necessárias a mudança de pensamento/comportamento, (re) significando valores, responsabilidades e o sentido de cidadania.

Palavras-Chave: Sustentabilidade, Pertencimento, Representações Sociais.

OS DISCURSOS INSTITUCIONAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO DA NATUREZA

KATHLEEN KATE DOMINGUEZ AGUIRRE

Graduanda de História Licenciatura FURG. katedominguezaguirre@gmail.com

ERON DA SILVA RODRIGUES

Graduando de História Licenciatura FURG. rodrigues.eron@hotmail.com

CARLOS R. S. MACHADO

Prof. Dr. da FURG (PPGEA). karlmac@ig.com.br

Resumo: As discussões ambientais estão em alta nos discursos governamentais, midiáticos, empresariais e educacionais. Neste contexto, as Secretarias Estaduais da Educação e do Meio Ambiente defendem projetos de “educação ambiental para o desenvolvimento sustentável”. Tendo por objetivo analisar as propostas institucionais de Educação Ambiental, selecionamos e identificamos alguns itens relacionados à concepção hegemônica que reproduz ideias de *proteção do meio ambiente, conscientização das crianças e da população, separação e reciclagem do lixo*, ou seja, ideias que tem por objetivo contraditório desvincular a percepção de meio ambiente em relação a realidade concreta. Nestes termos, identificamos conflitos (2007 até 2013) na transformação da natureza, leia-se do meio ambiente, que, com vistas à duplicação da BR392 dividiu a EEEM Alfredo Rodrigues ao meio, ou seja, não se priorizou o bem estar da comunidade local e sim os interesses capitalistas. Portanto, poderíamos afirmar, enquanto hipótese, que desenvolveremos neste trabalho de que há uma contradição, entre o discurso institucional (produção simbólica, Bourdieu), políticas públicas e a realidade vivenciada por esta escola.

Palavras-Chave: Natureza, Educação, Governo.

Referências bibliográficas

BOUDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. São Paulo: Papius, 2011

**OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO ESPAÇO AGRÁRIO BRASILEIRO:
CONSEQUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO E SOCIOAMBIENTAL
DENTRO DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA POSSE DA TERRA NO
SISTEMA COLONIAL**

FABIANO MELLO DA COSTA

Graduado em História – Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande.
rockrolldofuturo@ig.com.br

Resumo: Este trabalho, usa paralelos, que comparam a visão de vários europeus sobre o Novo Mundo (Colombo (2002), Caminha (2006), Hans Staden (2007)), para traçar uma linha divisória entre as diferentes ocupações ao Norte e ao Sul do Novo Mundo. A intenção é contribuir, em nível de academia, sociedade e educação, com o debate complexo do uso da terra no Brasil, da exploração contínua de suas riquezas naturais e aprofundar, dentro deste aspecto, o debate sobre a “justiça ambiental”, não tão somente como causa ecológica, mas também sociológica, apontando a desigualdade da ocupação do espaço como consequência de um processo econômico explorador e injusto. Consideramos que o processo desencadeado nas terras ao sul das Américas, sofreu a influência deste modelo econômico, que aqui, sob uma abordagem materialista-histórica, e repetindo o termo cunhado por Alberto Passos Guimarães (1964), definimos como “Capitalismo Colonial”. Neste modelo, o capitalismo nascente dos europeus, chega ao Brasil sob uma gênese diferente, flertando com a servidão do feudalismo e com a escravidão moderna. O extrativismo português, simplesmente reproduz o que o ambientalista José Lutzenberger (2005) chamará, séculos depois de “saque” e “pilhagem”.

Palavras-chave: Processo Colonizatório, Espaço Territorial, Uso da terra.

Referências bibliográficas:

- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha – a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- COLOMBO, Cristóvão Colombo. Diários da descoberta da América – As quatro viagens e o testamento. Porto Alegre/RS: L & PM Editores, 2002.
- FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. São Paulo: Companhia editora nacional, 2010.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro séculos de latifúndio. São Paulo: Editora Fulgor, 1964.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- LUTZEMBERGER, José. Manual de Ecologia – do Jardim ao Poder, Volume 1. Porto Alegre/RS: L & PM, 2005.
- STADEN, Hans. Descrição da viagem ao Brasil. Porto Alegre/RS: L & PM Editores, 2007.

O ESPAÇO URBANO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

RAPHAEL COLVARA PINTO

MESTRANDO EM TEOLOGIA-PUCRS. raphaelpinto962@hotmail.com

Resumo: Este trabalho visa discutir fenômeno urbano e seus desdobramentos, numa perspectiva, que ultrapassa a dimensão geográfica e econômica. Analisando a cidade como um espaço simbólico de disputas entre o local e o global numa rede complexa de relações. Examinar esta questão significa, antes de tudo, abordar problemas para as quais não há resposta definitiva, mas diversos enfoques. Vale ressaltar que uma análise que se pretenda pertinente tenderá de ser capaz de descrever conceitos em rede para poder estabelecer conexões interdisciplinares. Frente a tal tarefa, foram revisados os textos de autores como Bauman, Lipovestky, Marc Augé e Manuel Castell.

Palavras chave: Fenômeno Urbano; Cidade; Rede de Relações

Referências bibliográficas

AUGÉ, M. **Não Lugares:** introdução a uma Antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

_____. **Identidade.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2004.

_____. **Confiança e medo na Cidade.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2005

_____. **Vida para Consumo:** a Transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. **Tempos Líquidos.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2007.

CANEVACCI, M. <<http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-pensador-massimo-canevacci>> acessado no dia 26/05/2013

CASTELLS, M. **A Era da Informação:** economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio.** Lisboa: Relógio D'água, 1983.

MEMÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS

LUCAS BRANDÃO

Graduando no curso de História Bacharelado na ênfase em Patrimônio Socioambiental (FURG). Bolsista do programa Memórias Socioambientais. anarquiab@hotmail.com

DANIEL PRADO

Historiador. Dr. em Educação Ambiental (FURG). Prof. dos cursos de História Licenciatura, História Bacharelado do Patrimônio Socioambiental e do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG. danielhistprado@yahoo.com.br

Resumo: O conhecimento e organização das ações pró-ativas ao meio ambiente de uma região, proposta estabelecida no curso de Bacharelado do patrimônio socioambiental do curso de História da FURG, constitui-se num fator fundamental para a cidadania da sociedade. O projeto ora proposto vai ao encontro desta proposta, levando à campo pesquisadores da História Ambiental à produção, coleta de informações, histórias de vida e histórias temáticas que tenham por foco o levantamento de dados e que possam *a posteriori* servirem como base para pesquisas. Neste sentido, a realização do presente projeto de pesquisa, por meio das suas formas de mediação, possibilitará a interpretação das ações e do levantamento de patrimônios socioambientais da costa litorânea do Rio Grande do Sul bem como de cidades onde se estabeleceram historicamente movimentos de lutas em prol da preservação, proteção, conservação do meio ambiente. Desse modo, pretende-se desenvolver uma pesquisa que resgate e sistematize as informações existentes acerca do patrimônio ambiental riograndino e a partir da história oral junto a ativistas e gestores da área.

Palavras-Chave: História, História Oral, Memória Socioambiental.

ENCHENTE DE 1941: IMPACTOS NO COTIDIANO

LUIZ HENRIQUE TORRES

Doutor em História do Brasil (PUCRS), Professor do Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). lht2@bol.com.br

Resumo: O evento da Grande Enchente de 1941 em Rio Grande é um exemplo de que o convívio do homem com a natureza faz parte de um processo dinâmico e não imutável. Não podemos esquecer que não é só o homem que modela as paisagens, mas a natureza continua a fazer novas modelagens de acordo com dinâmicas climáticas complexas ligadas ao aquecimento global (fundadas na autonomia do ciclo solar ou com a intervenção industrial humana?). Estes eventos extremos, como a Enchente de 1941, fazem questionar a suposta imutabilidade da paisagem e especialmente, refletir sobre os fatores e também as prevenções para acontecimentos climáticos de grande porte que tem se intensificado no Brasil nas últimas décadas. Em especial, permite uma incursão a ruptura do cotidiano durante os dramáticos dias em que as águas alagaram parte considerável do município.

Palavras-chave: Enchente de 1941; Eventos Climáticos Extremos; Cotidiano.

Referências:

- ASMUZ, M. A Planície Costeira e a Lagoa dos Patos In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C; CASTELLO, J. (Edit.). *Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia, 1998.
- BERLATO, M.A.; FONTANA, D.C. *El Niño e La Niña: impactos no clima, na vegetação e na agricultura do Rio Grande do Sul - aplicações de previsões climáticas na agricultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Relatório – Extensão, repercussão e danos causados pela Grande Enchente 1941*. Dirigido ao Prefeito Municipal do Rio Grande Dr. Roque Aita. Rio Grande: julho de 1941 (datilografado e sem autor).
- GUIMARÃES, Rafael. *A Enchente de 41*. Porto Alegre: Libretos, 2009.
- MARTINS, Solismar. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanização (1873-1990)*. Rio Grande: Edfurg, 2006.
- PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos do Município do Rio Grande*. Porto Alegre: Oficina Gráfica Imprensa Oficial, 1944.
- SALVATORI et al. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: vol. 51, n.1, 1989.
- SEELIGER, U.; COSTA, C. & ABREU, P. In: *Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia, 1998.
- VILLELA, Rubens Junqueira. Fenômenos Extremos no Brasil In: *Scientific American especial Extremos do Clima*. São Paulo: Duetto Editorial, 2011.

ARROIO SÃO LOURENÇO: HISTÓRIAS DE GLÓRIA E INUNDAÇÕES.

CIBELE HAX GONÇALVES

Técnica em Gestão Ambiental-UFRGS, Graduanda em Tecnologia em Gestão Ambiental – FURG. cibele_hg@hotmail.com

Resumo: Este trabalho teve como objetivo resgatar a história, e o histórico de inundações do arroio São Lourenço, localizado no município de São Lourenço do Sul, sendo que para tal foi realizada pesquisa em bibliografias, relatos e fotos. O arroio São Lourenço desde a instalação das primeiras grandes fazendas, serviu como canal de acesso, transporte de mercadorias e ancoradouro de navegações que subiam ao norte do estado pelas águas da Lagoa dos Patos. Pelo arroio era escoada toda produção da colônia que abastecia as cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Mas em meio ao progresso, no início do século XX, os cidadãos lourencianos começaram a presenciar grandes cheias do arroio São Lourenço, as primeiras a receberem registros, estão datadas de 1932, e causaram muitos prejuízos aos comerciantes e moradores que residiam às margens do arroio. Todavia a inundação mais perversa e de maior destaque segundo Sausen (2012) é a inundação ocorrida em 2011, onde cerca de 20 mil pessoas foram afetadas pela inundação e em torno de 500 tiveram que aguardar por resgate no mau tempo. Cerca de 300 famílias ficaram ilhadas e mais de 50% da cidade, principalmente a zona urbana, ficou coberta por água entre 2,5 a 3 metros de altura.

Palavras chaves: História, Arroio, Inundações.

Referência citada:

Sausen, T.M, Lacruz, M.S. P, Saito, S.M. Pereira, R.S. **Evento de inundação Brusca Ocorrido em São Lourenço do Sul, RS, Em 10 de março de 2011.** Disponível em http://www.inpe.br/crs/geodesastres/conteudo/publicacoes/Evento_de_Inundacao_Brusca_Ocorrido_em_Sao_Lourenco_do_Sul_rs_em_10_de_marco_de_2011.pdf

A CONVIVÊNCIA COM AS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ/SC

CAIO FLORIANO DOS SANTOS

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA) - Bolsista FAPERGS/CAPEs. caio_floriano@yahoo.com.br

MARCELA DE AVELLAR MASCARELLO

Mestranda no curso de Manejo Costero Integrado del Cono Sur na Universidad de la República (MCI/UDELAR). mascarellomarcela@gmail.com

Resumo: O presente trabalho busca realizar um levantamento histórico sobre as enchentes no município de Itajaí, que se localiza no litoral centro-norte do Estado de Santa Catarina e na região do Vale do Itajaí. Esta é uma região que historicamente sofre com enchentes e inundações de repercussão nacional, como a que ocorreu no ano de 2008. Os dados apontam um número de 70 enchentes registradas desde 1850 (SANTOS *et al.*, 2011), mas no município de Itajaí, o número pode ser ainda maior, em virtude que estes dados são gerados à partir do município de Blumenau/SC (SANTOS, 2010). Como a maioria dos municípios litorâneos do Brasil, o município de Itajaí foi povoado à partir do estuário do Rio Itajaí-Açu sob uma planície de inundação, o que faz com que esta população conviva frequentemente com estes eventos, que tem aumentado seus impactos (ou seu potencial destrutivo), devido a crescente ocupação e urbanização de áreas ambientalmente frágeis.

Palavras-chave: Enchentes; Itajaí/SC; Convivência.

Referências bibliográficas

SANTOS, Caio Floriano dos. **A enchente em Itajaí (SC): relatos, percepções e memórias.** Florianópolis: Dissertação Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. 2010. 107 pp.

SANTOS, Caio Floriano; MARIMON, Maria Paula Casagrande; TORNQUIST, Carmen Susana. **Enchentes na região do Vale do Itajaí e no município de Itajaí:** primeiros relatos e as grandes enchentes. In: Anuário de Itajaí. 2011. p. 37-47.

**VISÕES SOBRE A NATUREZA NA OBRA
“VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL 1820-21”.**

JOÃO DAVI OLIVEIRA MINUZZI

Graduando em História - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

jadminuzzi@gmail.com

Resumo: .O viajante francês Auguste de Saint-Hilaire é provavelmente uma das mais ricas fontes para a historiografia brasileira sobre o século XIX, pois ele percorreu boa parte do território que compunha o Brasil naquele período e é através das suas anotações detalhadas que historiadores e outros pesquisadores buscaram compreender melhor as mais diversas faces daquele período no Brasil. Os textos deixados por Saint-Hilaire abarcaram uma grande variedade de assuntos: como escravidão, costumes, hábitos, guerras, natureza, etc. E foi a partir desses escritos que se desenvolveram muitos trabalhos. O presente trabalho tem por objetivo revisar a obra “Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-21” de Saint-Hilaire, buscando nela qual era a percepção do ambiente que este viajante possuía e como ele a ressaltava, valorizava ou desvalorizava, especialmente sobre o bioma Pampa. Além disso, pretende-se estudar como os habitantes da província viam este ambiente e como se utilizavam dele, nas perspectivas sociais, culturais e econômicas. Será um breve relato contendo os resultados preliminares da pesquisa que venho desenvolvendo.

Palavras-Chave: Saint-Hilaire, Pampa, História Ambiental

**BALNEÁRIO DOS PRAZERES:
IMPACTOS AMBIENTAIS E AÇÕES ANTRÓPICAS.
UM ESTUDO DE CASO SOB O PRISMA DA FONTE JORNALÍSTICA.**

MATEUS DA SILVA COSTA

Bacharel e Licenciado em História – FURG e UFPEL. mateushistoria@hotmail.com

Resumo: Situado as margens da Lagoa dos Patos no município de Pelotas, interior do estado do Rio Grande do Sul, o Balneário dos Prazeres, também popularmente conhecido como “barro duro”, encontra-se inserido na trama ecossistêmica litorânea que abrange a totalidade territorial da chamada Praia do Laranjal. Nesta comunicação procuro refletir sobre os impactos ambientais que, historicamente, persistem em assolar esta região costeira. Além disso, buscamos comentar, ancorado na documentação oriunda da imprensa Pelotense, mais especificamente no Jornal Diário Popular, como determinadas ações antrópicas locais estão contribuindo diretamente para este quadro de desequilíbrio ambiental, presente neste Balneário gaúcho. O abandono indiscriminado de lixo, a devastação da malha florestal nativa e a poluição aquática do Balneário são alguns temas que estarão na baila desta proposta de discussão.

Palavras-Chave: Balneário, Impactos Ambientais, Ações Antrópicas.

A HISTÓRIA AMBIENTAL NA INTERPRETAÇÃO DA DEGRADAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS EM ÁREAS RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

LAURA BARBIERI DE OLIVEIRA

Bióloga, Ma. em Ambiente e Desenvolvimento, bolsista dedicação exclusiva PROSUP da CAPES de doutorado no PPG em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES, laurabo.biologa@gmail.com

JANE MÁRCIA MAZZARINO

Jornalista, Dra. em Ciências da Comunicação, professora adjunta do Centro Universitário UNIVATES, janemazzarino@gmail.com

EDUARDO PÉRICO

Biólogo, Dr. em Ecologia, professor titular do Centro Universitário UNIVATES, perico@univates.br

Resumo: .A pesquisa faz uma reflexão sobre a origem dos problemas ambientais relacionados aos recursos hídricos em áreas rurais da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, no estado do Rio Grande do Sul. A ocupação por imigrantes europeus, e o processo de industrialização, são apontados como causas do início da aceleração da degradação ambiental, causada em parte pela supressão da vegetação para a ocupação do espaço e para seu uso como fonte de matéria prima. Estas intervenções, assim como a poluição ocasionada pelas atividades antrópicas, afetaram os recursos hídricos quanti e qualitativamente. Alguns destes impactos foram recentemente detectados por estudos realizados pelo Comitê de Gerenciamento desta Bacia Hidrográfica. Assim, pesquisas que compreendam o processo histórico que levou ao atual nível de degradação ambiental, são essenciais para auxiliar na proposição de estratégias para mitigar impactos no futuro, garantindo a disponibilidade destes recursos vitais. A coleta de dados foi realizada através de pesquisa bibliográfica e documental, e pela participação em reuniões do Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica Taquari-Antas.

Palavras-chave: Gestão das Águas; Impactos Ambientais; História Ambiental

RECANTO NOSSA SENHORA DE LOURDES

CAMILA ROLA ALVES

Graduanda do Curso de História Bacharelado. Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
crolaalves@gmail.com

Resumo: Este trabalho fala sobre o Recanto de Nossa Senhora de Lourdes, um templo ao ar livre construído na Ilha dos Marinheiros, na cidade do Rio Grande; sendo que no local encontramos duas Imagens, uma de Nossa Senhora de Lourdes e a outra da Santa Bernadete. A história do Recanto tem início em 1996, a partir da doação das imagens de Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete, pelo escultor rio-grandino Érico Gobbi. No ano de 2002 foi realizado o traslado das imagens e, a partir deste ano, a comunidade sem muitos recursos se limitou a limpar e pintar as imagens sempre que necessário, plantaram mudas para fixar as dunas. Pouco a pouco foi se organizando, o espaço doado em comodato pelo Sr. Gilberto Consoni. Até que, em 20 de fevereiro de 2007, Anna Morisson, que era coordenadora do projeto, e presidente da OSCIP, começa a receber as primeiras doações da iniciativa privada para a construção do Recanto de Lourdes. No dia 26 de maio de 2007 foi entregue aos ilhéus e, público em geral, um recanto de fé, reflexão em perfeita harmonia com a natureza. Sendo muito forte a religiosidade na Ilha dos Marinheiros, escolhemos este lugar como tema de pesquisa devido à falta de divulgação deste patrimônio existente na Ilha, pois sobre o mesmo não existem pesquisas. Até o momento foi utilizado como metodologia da pesquisa, a análise de conteúdo.

Palavras-chave: Patrimônio, Religiosidade, Recanto

Fontes:

Documentos da OSCIP. Sociedade Marinhense de Desenvolvimento Sustentável.

Referências:

AZEVEDO, Anna Lucia Dias Morisson de. *A Ilha dos Três Antônio*s. Águeda, 2003.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

**PERCEPÇÕES INFANTIS:
A QUALIDADE DO TEMPO-ESPAÇO DAS CRIANÇAS NA PRAÇA SARAIVA**

PÂMELA SARAIVA MIRANDA

Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande.

pamela-brum@hotmail.com

VÂNIA ALVES MARTINS CHAIGAR

Profª Drª da Universidade Federal do Rio Grande. vchaigar@terra.com.br

Resumo: Sob inspiração de Tonucci (2005), no ano de 2012, surgiu na disciplina de Metodologia de Ensino das Ciências Sociais o interesse de se investigar a qualidade do tempo e espaço em que as crianças riograndinas estão imersas, levando em consideração novos contextos econômicos e perspectivas sociais, parte da atual fase de desenvolvimento industrial pelo qual a cidade de Rio Grande está passando. Para que uma cidade se constitua “amiga das crianças” esta deve levar em consideração a opinião e desejo das crianças. “Já existem alguns indicadores de qualidade que captam as necessidades e desejos das crianças, para serem utilizados como critério na hora de medir os progressos alcançados em relação às metas relativas aos direitos das crianças” (REDIN & DIDONET, 2007, p. 30). Entrevistas, análises de documentos, observações, entre outras ferramentas, buscaram compreender o significado de noções geográficas e históricas presentes na percepção das crianças ao “produzirem tempos e espaços” (LOPES, 2007) na cidade de Rio Grande. Aportes que discutem o conceito qualidade, infâncias e cidade educativa, serviram de parâmetros aos estudos produzidos.

Palavras-chave: Crianças. Espaços Públicos. Percepções infantis.

Referências bibliográficas

LOPES, Jader Janer. Geografia das crianças, geografia da infância. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias:** cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007, p. 43-55.

REDIN, Euclides; DIDONET, Vital. Uma cidade que acolha as crianças: políticas públicas na perspectiva da infância. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias:** cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007, 23-42.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem:** Agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DO RIO GRANDE PELO VIÉS DO ARQUIVO DA CIDADE E SEUS DOCUMENTOS OFICIAIS

BÁRBARA TABORDA CHAVES

Graduanda em História– Licenciatura, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. anamuh@hotmail.com

Resumo: O trabalho consiste em apresentar os resultados da pesquisa “A interpretação da história rio-grandina pelo viés do seu patrimônio histórico-cultural”, financiada pela Fapergs, e realizada junto aos documentos oficiais na área do patrimônio cultural/documental localizado no Arquivo da Prefeitura Municipal do Rio Grande (RS). Para tanto, foi adotada a análise de conteúdo com o levantamento de dados relacionados à identidade e às marcas sociais das edificações da cidade com base na representação social da cidade, e como esta interage com seu meio ambiente. As fontes primárias analisadas são referentes aos anos 1889 a 1938, documentos que compreendem atas, ofícios, memorandos, plantas, orçamentos de construções das secretarias da prefeitura e abaixo-assinados. O levantamento deste material contempla a temática do patrimônio cultural e ambiental da cidade do Rio Grande e, observamos, por exemplo, a forte ligação do poder executivo municipal com as Forças Armadas no que diz respeito à edificação do patrimônio público, fato que se explica a partir da relação de poderes típica da época. Deste modo, problematizando as edificações e sua relação com o ambiente urbano que nos circunda, buscamos evidenciar como o patrimônio material está ligado à identidade e à memória do município do Rio Grande através das suas edificações.

Palavras-chave: Arquivo, Patrimônio, Documentação.

CHARQUEADA SÃO JOÃO: MAIS DE 200 ANOS DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO.

MILENE CHAVES CABRAL

GRADUANDA DO CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG. furgmilenec@hotmail.com

Resumo: A Charqueada São João sem dúvida é um patrimônio histórico cultural, não só pela sua riqueza histórica e memorial, e essa memória é tomada como um aspecto formador e característico do local. E Pelotas, onde essa charqueada encontra-se antes de tudo, é considerada o núcleo das charqueadas. Na charqueada, além do seu aspecto econômico, vimos também os reflexos da vida e dos costumes do tempo em que foi criada; o trato da escravidão, a mão de obra diferenciada, a religiosidade, o estilo arquitetônico, entre outros. O seu prédio foi construído entre os anos de 1807 a 1810, a casa não é tombada em tem sido mantida pela família, mantém sua forma original, com sua riqueza patrimonial preservada ao longo do tempo, a Charqueada São João vem do tempo em que o Arroio Pelotas servia á navegação intensa. Atualmente a Charqueada São João com mais de mil metros de construção, tem seus salões e pátio interno para a realização de eventos, uma forma de uso turístico-social. É um modo de manter a charqueada preservada e perpetuando sua história e memória, além de manter vivo e intacto um patrimônio da região.

Palavras chaves: História, Memória, Patrimônio.

Referências bibliográficas

LEÒN, Zênia de. Charqueada São João 200 anos na História e na Legenda. Pelotas: Editora Signus, 2012.

MAGALHÃES, Mário Osório. História e Tradições da cidade de Pelotas. Universidade de Caxias do Sul. Segunda Edição, 1981.

HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

VANESSA DE CÁSSIA PANICK LOPES

Acadêmica do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.
vanessac.p.lopes@hotmail.com

CARMEM G. BURGERT SCHIAVON

Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande. cgschiavon@yahoo.com.br

JANAINA SCHAUN SBABO

Acadêmica do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.
Estagiária do Centro de Documentação Histórica “Prof. Hugo Alberto Pereira Neves” (CDH-FURG). janainasbabo@yahoo.com.br

LUIZ PAULO SOARES

Acadêmico do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.
luizsoares@furg.br

Resumo: A história e a cultura afro-brasileira integram a identidade do povo brasileiro. Com base nisso, no ano de 2003, foi sancionada a Lei 10.639/03, que torna obrigatório a História e a Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. Assim, a lei surgiu como um desdobramento das políticas públicas e foi instituída de forma a diminuir as desigualdades sociais no Brasil. Para tanto, as ações deste projeto orientam-se pela pesquisa-ação, de modo a aproximar a Escola da Universidade, a partir da análise da forma como a lei está sendo aplicada nas Escolas Municipais rio-grandinas; além disso, busca-se o estudo acerca das dificuldades encontradas no que se refere à adoção da referida lei. Deste modo, trabalha-se com o mapeamento das atividades realizadas em prol da aplicação da Lei, a partir da realização de entrevistas com os professores da rede municipal e levantamento de materiais utilizados no desenvolvimento de ações voltadas ao estudo da história e da cultura afro-brasileira. Posteriormente, os dados obtidos serão analisados e, com base nestes, serão elaborados materiais didáticos, de modo a melhor qualificar o corpo docente do Município do Rio Grande para o trabalho com esta temática, a fim de contribuir para o avanço da educação brasileira, bem como diminuir as desigualdades sociais no país.

Palavras-chave: História; Cultura Afro-Brasileira; Educação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO “MAPEAMENTO, ANÁLISE E UNIVERSALIZAÇÃO DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS VOLTADAS À INSERÇÃO CURRICULAR DA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE”

ANDRELISE SANTORUM

Acadêmica do Curso de História Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande.
andrelisesantorum@vetorial.net

CARMEM G. BURGERT SCHIAVON

Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande. cgbgschiavon@yahoo.com.br

Resumo: A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, estabelece a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” em toda a rede de ensino do país, visando a valorização da história da população brasileira, assim como da sua expressiva diversidade, e a diminuição do preconceito racial e da discriminação no país. A partir destas considerações e da necessidade crucial de atividades que garantam a parte prática da lei voltada às políticas afirmativas, o projeto “Mapeamento, análise e universalização de políticas afirmativas voltadas à inserção curricular da História e Cultura Afro-Brasileira no Município do Rio Grande” visa traçar uma estratégia que permita identificar os avanços e limitações no que tange à inserção da cultura afro-brasileira nas Escolas do Município. Desta forma, o projeto tem por objetivo apresentar novas linhas de ação para os educadores, como a elaboração de materiais didáticos e a realização de cursos e oficinas para os professores e/ou alunos.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira, Diversidade, Rio Grande.

**TEORIA DA COMPLEXIDADE:
APORTES EPISTEMOLÓGICOS PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL**

FILIPY VIEIRA AMORIM

Biólogo, Mestre em Educação, Doutorando em Educação Ambiental (PPGEA-FURG).

filipi_amorim@yahoo.com.br

Resumo: Este resumo tem por objetivo a reflexão epistemológica acerca da produção/construção do conhecimento em História Ambiental à luz da Teoria da Complexidade. Frente aos desafios atuais impostos pelo modelo globalizado de vida insustentável da sociedade contemporânea, apresenta-se, entre outras tendências que buscam a compreensão do metabolismo sociedade-natureza, a História Ambiental. Ao encontro dessa proposta apresenta-se, entre outras, a Teoria da Complexidade do pensador francês Edgar Morin (1921-). Entendo essas duas tendências como paradigmas emergentes, pois em seus cerne são características comuns que se opõem ao paradigma dominante na produção/construção do conhecimento. Esse paradigma dominante está situado no surgimento da Ciência e Filosofia Modernas, que, diferente dos paradigmas emergentes, fragmentam e simplificam o real em nome de explicações racionais e lógicas, na maioria das vezes, centradas em áreas específicas do conhecimento. A História Ambiental e a Teoria da Complexidade não efetivam propostas reducionistas, pois comportam em suas essências o ideal de interdisciplinaridade para a compreensão do real. Assim, essa interconexão pode apresentar processos salutares de produção/construção do conhecimento das questões ambientais.

Palavras-chave: História Ambiental; Teoria da Complexidade; Epistemologia.

**HISTÓRIA AMBIENTAL DA CIDADE DO RIO GRANDE
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX:
PERCEPÇÕES ESTRANGEIRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA**

TACIANE BORGES UMPIERRE

Bacharela em História, Ênfase no Patrimônio Socioambiental, Universidade Federal do Rio Grande. tacibum@yahoo.com.br

Resumo: A sociedade que está se formando nos séculos XVIII e XIX enfrenta as divergências que o ambiente natural oferece nesta região. A sua estruturação física está se erguendo em um terreno móvel, dominado pelos elementos representados por areia, vento e água. Esta urbanização da Vila/Cidade do Rio Grande, a primeira que forma-se na Província de São Pedro ao Sul do Brasil. Uma fortificação militar neste espaço está estabelecida por estratégia à defender o território português dos cobiçados olhos espanhóis, também defender-se das ameaças que este espaço oferta. Mas, essas defesas não seriam em vão, porque as ameaças deste ambiente são superáveis em se tratando de um território com um porto natural. O ambiente que Saint-Hilaire e Nicolau Dreys descreveram em seus relatos é interpretado neste trabalho através de representações de natureza no espaço que se desenvolveu a urbanização no século XIX e as perspectivas futuras para a cidade do Rio Grande.

Palavras-chave: História Ambiental, Representações de Natureza, Cidade do Rio Grande.

**ANTIGAS PAISAGENS FLUMINENSES:
A HISTÓRIA AMBIENTAL NA OBRA DE ALBERTO LAMEGO**

RAFAEL DE SOUZA DIAS

Doutorando em Geografia – UERJ. geo.rafael@gmail.com

INÊS AGUIAR DE FREITAS

Doutora em Geografia – UERJ. freitasines@bol.com.br

LUANA DE SOUZA TRINDADE

Graduanda em Geografia – UERJ. lua10rj2010@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como foco a obra de Alberto Lamego, que se tornou um clássico na geografia, principalmente com sua tetralogia sobre o estado do Rio de Janeiro, que inclui: *O Homem e o Brejo* (1940), *O Homem e a Restinga* (1946), *O Homem e a Guanabara* (1948) e *O Homem e a Serra* (1950). O objetivo é apresentar estas obras sob o interesse de um importante tema da Geografia: a Geografia Histórica. Busca-se compreender como os textos deste autor apresentam questões ambientais particulares do Rio até a primeira metade do século XX e como a partir de sua obra podemos traçar uma história ambiental fluminense. Percebe-se que os níveis de análise da história ambiental nos informam sobre vários temas da geografia. Assim, o tema aqui apresentado localiza-se no 2º nível da história ambiental, que trata da economia e da política, das bases materiais da reprodução, dos meios e modos de produção, das leis e decisões tomadas pela sociedade no que concerne à natureza e ao meio ambiente, da evolução urbana e da vida cotidiana. Ao analisarmos a obra de Lamego, identificamos a sua contribuição para o conhecimento dos possíveis usos das paisagens naturais, no passado e hoje (as “possibilidades” do homem diante da natureza) e suas preocupações referentes à fragilidade apresentada por algumas áreas do espaço fluminense.

Palavras-Chave: Alberto Lamego, História Ambiental, Rio de Janeiro

Referências

- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1940.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Restinga**. Rio de Janeiro: IBGE, 1946.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Guanabara**. Rio de Janeiro: IBGE, 1948.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Serra**. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

HISTÓRIA AMBIENTAL: UM ESTUDO DO CULTIVO DA SOJA NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL, NA DÉCADA DE 1970

MARCOS ROGÉRIO KREUTZ

Doutorando do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES, Graduado em História pelo Centro Universitário UNIVATES, bolsista CAPES. mrk@bewnet.com.br.

NELI TERESINHA GALARCE MACHADO

Arqueóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES. nelitgm@terra.com

Resumo: A soja foi introduzida no Brasil no início do século XX por imigrantes japoneses. A partir de 1940 começou a ser produzida em maior escala em propriedades entre 5 a 10 hectares. Durante a década de 1970 houve um significativo acréscimo na produção, motivado, entre outros fatores, pelo alto preço no mercado internacional. O presente estudo propõe verificar a relação entre o desmatamento e o aumento da área plantada de soja, ocorrido na década 1970 nas localidades de Arroio da Seca, Corvo e Linha Schmidt, antigos distritos do atual município de Estrela, Estado do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada para a execução do estudo foi pesquisa bibliográfica, análise imagética e entrevista com sujeitos envolvidos com o plantio naquela época. Como resultado, observou-se que as áreas desmatadas não foram provocadas exclusivamente pelo plantio da soja.

Palavras-chave: Soja; Ambiente; Vale do Taquari.

ENSINO DE HISTÓRIA NA HORTA ECOLÓGICA ESCOLAR: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA AMBIENTAL.

JULIANA P. PINO

Graduada em Licenciatura em História FURG. moviciclo@gmail.com

Resumo: Esta é uma pesquisa-ação com foco na História Ambiental e sua possível contribuição para o ensino e pesquisa dos conteúdos de história do ensino médio por meio de atividades na horta ecológica escolar. Busca-se lançar olhares em direção a história ambiental, bem como outras áreas da história, a fim de investigar a historicidade das plantas, para pensá-las como fontes para o ensino de história, em sala de aula e também na horta escolar, em uma relação interdisciplinar com a educação ambiental e outras disciplinas escolares. Parte-se do princípio de que as espécies vegetais que nos cercam são resultantes de processos espontâneos ou induzidos que envolvem a seleção e cultivo, e remetem as migrações humanas. (WORSTER, 1991, MAZOYER e ROUDART, 2010) Portanto, se investigadas na sua eco história, as plantas podem indicar a relação que os seres humanos estabeleceram com o ambiente onde viveram, aquilo que buscaram preservar e aquilo que pretenderam combater. Neste sentido é pensada a possibilidade das plantas, utensílios de trabalho da horta, e formas de cultivo tornarem-se fontes, que podem servir como material de trabalho para o/a educador/a da área de história.

Palavras chave: Ensino de História, Horta Ecológica Escolar, História Ambiental.

Referências bibliográficas

MAZOYER, Marcel. ROUDAR, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n. 8, 1991, p. 198-215.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO BIOLÓGICO PARA HISTÓRIA AMBIENTAL

DILSON VARGAS-PEIXOTO

Licenciado em História (UNIFRA) e bacharel em Ciências Biológicas (UFSM)

iiuni_kantal@hotmail.com

Resumo: A utilização de fontes não-convencionais e de outras áreas do conhecimento torna-se essencial para uma boa pesquisa em História Ambiental. Logo, é fundamental “combinar a história natural com a história social” (DRUMMOND, 1991, p. 181). O conhecimento biológico de uma região pode acrescentar informações relevantes sobre a interação histórica do elemento humano com a natureza. Assim, “fontes biológicas” suprem a carência de informações da natureza que outras fontes não abordam, seja por desconhecimento ou indiferença. Por exemplo, saber se uma espécie é nativa ou exótica pode designar a influência humana sobre o meio ambiente. O conhecimento sobre quais espécies florestais têm propriedades medicinais, tolera solos “gastos” ou são de sucessão ecológica secundária também podem indicar um impacto ambiental humano. Além disso, conhecer a adaptabilidade de organismos a lugares antropizados, sua dieta e posicionamento na cadeia trófica ajudam a explicar ocorrências históricas de surtos de pragas nas lavouras, perigos a proliferação de rebanhos e doenças. Portanto, o conhecimento biológico é um apoio (se não base) ao historiador para aprofundar o entendimento das relações históricas do humano com o meio ambiente.

Palavras-chave: Biologia; Fontes; História

Referências bibliográficas

DRUMMOND, José Augusto. História Ambiental, temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 4, nº. 8, 1991, p. 177-197.

POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA AMBIENTAL: UM RELATO DE CASO DO GRUPO DE ESTUDOS MOVIMENTO E AMBIENTE

KATIA MARIELE DO AMARAL ROLIM

Licenciada em Educação Física – UNIPAMPA Uruguaiana, Colaboradora do GEMA - ktiarolim.ef@gmail.com

EDISON LUIS FINKLER

Licenciado em Educação Física – UNIPAMPA Uruguaiana, Colaborador do GEMA - finkler.ef@gmail.com

Prof. Dr. ÁLVARO LUIS ÁVILA DA CUNHA

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Grupo de Estudos Movimento e Ambiente – GEMA, Campus Uruguaiana – RS – Brasil - alvaro.balas@gmail.com

Resumo: O GEMA-UNIPAMPA-Uruguaiana promove caminhadas com o intuito de reconhecer a cidade em que a universidade está inserida, pretendendo construir um mapa socioambiental para as escolas desenvolver projetos interdisciplinares, onde os alunos compreendam seu ambiente, respeitem as riquezas naturais, valorizem suas culturas, e conheçam com detalhes a História contada pelos moradores, apresentada nos prédios, casas, praças e afins. Objetiva auxiliar na formação dos acadêmicos enquanto futuros profissionais da educação. As caminhadas ocorreram durante o ano de 2011 e 2012, e delimitaram Uruguaiana perpassando por áreas centrais, arroios, plantações, periferias e interior. Após a contextualização prévia do percurso, se pode familiarizar com os contrastes dos prédios antigos e construções modernas, as praças, marcos relacionados à Guerra do Paraguai, as escolas maristas e salesianas, já centenárias. O Arroio Cacaréu teve destaque, a mata fechada que o envolve foi reconhecida com o apoio militar cujas terras pertencem ao Exército Brasileiro, propositalmente localizado para funcionar como forte do Brasil nos séculos passados. A periferia mostrou as dificuldades na lida com animais e produção de rosas; as crianças brincando em meio a esgotos. Cruzou-se a ponte internacional, viu-se Uruguaiana através do lado argentino e o trabalho pesqueiro que sustenta inúmeras famílias. No interior observou-se a imensidão do rio Uruguai e a mata costeira. Acompanhados de um professor de História, este revelou a história da Fronteira Oeste: a relação dos indígenas, paraguaios, negros; as primeiras estâncias da região, século XVII e sua relevância à cultura ganadeira. Após diversas caminhadas propõe-se a ideia às escolas locais, contar-lhes as experiências do grupo e obter o apoio dos mestres para realizar o projeto que expandiu conhecimento interdisciplinar através do movimento, diálogo e reflexão.

Palavras-chave: Educação Física, Caminhadas, Interdisciplinaridade.

**EUCALIPTOS:
PRODUÇÃO, DISPERSÃO E MODIFICAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS**

NADIA R. DA COSTA JAQUES

Graduanda do Curso de Bacharelado em História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação (FURG). nadiajaques@gmail.com

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Professor do Instituto de Ciências Humanas e a Informação (FURG), Doutor em Educação Ambiental (FURG). danielhistprado@yahoo.com.br

Resumo: Uma das características fundamentais para que o ser humano possa reconhecer o seu lugar no ambiente onde está fundamentado o seu ethos, é a noção de pertencimento. É se encontrar como parte do meio ambiente onde formatou suas raízes; lugar que reflete seus sonhos e aspirações através de vivências experimentadas. E uma modificação socioambiental impactante é a implementação das plantações de Eucaliptos, os denominados “desertos verdes”. O Município do Rio Grande não foi imune a eles e há cerca sete anos, a localidade da Palma (Magalhães e Liscano), foi alcançada por essa silvicultura exótica. A partir destas considerações, a pesquisa que estamos propondo se embasará nos pressupostos teóricos da História Ambiental, empregando-se para isso a metodologia da história oral temática, na história do tempo presente e, também, a análise de conteúdo, com base em documentos e relatórios junto à Prefeitura, EMATER, Secretaria de Município do Meio Ambiente; o que nos dará o suporte e embasamento desta análise. Nosso estudo irá se limitar à localidade de Liscano, mais especificamente, entre às áreas denominadas Belendengue e Palma, na antiga fazenda Vale da Prata e seu entorno, de forma a analisar os impactos, modificações, permanências e rupturas de produções encontradas junto ao meio humano e natural, oriundas deste plantio, até o presente momento.

Palavras-chave: Meio Ambiente, Eucaliptos, Modificações.

ENTRE O ZELO E A DESTRUIÇÃO: IMIGRAÇÃO ALEMÃ, COMMONS E FLORESTAS NO SUL DO BRASIL E NA ALEMANHA (SÉCULO XIX)

EDUARDO RELLY

Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento. erelly@hotmail.com

NELI TERESINHA GALARCE MACHADO

Doutora em Arqueologia, Centro Universitário Univates. nelitgm@terra.com.br

Resumo: A história do relacionamento do imigrante alemão com o *Urwald* sul-brasileiro tem como característica central a degradação destes espaços. Na Europa, todavia, estas mesmas populações ou os seus ascendentes viviam geralmente cercados por múltiplos regulamentos que envolviam o uso das florestas e de seus recursos. Os regulamentos eram redigidos pelas instituições de gerência das terras comunais, ou seja, pelas corporações de aldeia (*commons*). Os *commons* eram por sua vez instituições de ação coletiva que visavam a proteção, defesa e usufruto de bens comuns (DE MOOR, 2008, p. 179). A estratégia de zelo na gestão das florestas europeias contrasta, neste sentido, com a experiência destrutiva tomada a cabo pelos teuto-brasileiros. Pretende-se nesta oportunidade discutir o trânsito de concepções e condutas frente aos bens florestais, comparando sempre que possível as condições de diferença das duas realidades; ao mesmo tempo, objetiva-se esboçar algumas linhas gerais do processo de gestão florestal administrado pelos *commons*, especialmente aqueles do sudoeste da Alemanha, área de origem de grande parte daqueles que para o sul do Brasil vieram.

Palavras-chave: Imigração Alemã; *Commons*; Florestas

Referências bibliográficas:

DE MOOR, Tine. The silent revolution: a new perspective on the emergence of commons, guilds, and others forms of corporate collective action in western Europe. **International review of social history**, n. 53, 2008, p. 179-212.

**BREVE APONTAMENTO DAS TRANSFORMAÇÕES FEITAS PELO HOMEM NAS
ESTRUTURAS NATURAIS DA CIDADE DE RIO GRANDE**

GABRIEL FERREIRA

Graduando historia bacharelado – FURG. gbr.s.ferro@gmail.com

LUHANA BADDINI

Graduanda historia bacharelado – FURG. luhanabl@gmail.com

Resumo: No contexto atual em que estamos inseridos, administradores públicos e o poder econômico demonstram pouco apreço pela natureza, com poucas ações efetivas de conservação e preservação, transformando os locais onde habitamos sem qualquer consulta popular ou de especialistas. Ao longo de toda a história humana podemos perceber formas equivocadas de gestão, de como os modelos de sociedade lidam com a natureza e com os recursos/elementos naturais. A partir desta verificação, esta comunicação visa apontar de uma forma mais visível as modificações que sofrera a metade sul do RS, mais especificamente o entorno da cidade de Rio Grande, desde a colonização europeia, apontando transformações operadas nos ecossistemas locais, como aterramentos feitos na cidade, modificações na fauna etc., mostrando quais foram as espécies introduzidas na região, em especial das espécies exóticas de árvores e que hoje causam impactos.

Palavras-chave: Natureza, História, Rio Grande.

BIGRIVER: NA ENCRUZILHADA ENTRE CUBATÃO E MACAÉ

WASHINGTON FERREIRA

Oceanógrafo (MSc), Doutorando em Educação Ambiental. Pesquisador-Associado do Laboratório de Gerenciamento Costeiro, Instituto de Oceanografia–FURG.

thalassoching@yahoo.com.br

BREAD ESTEVAN Historiador, Mestre em Educação Ambiental (FURG).

bsestavam@yahoo.com.br

Resumo: A análise da história ambiental do desenvolvimento econômico industrial-portuário na cidade de Rio Grande (RS) aponta expressivas similaridades e convergências com os processos registrados nos municípios de Cubatão (SP) e Macaé (RJ). Os contextos socioambientais destas localidades circunscrevem ambientes estuarinos e costeiros, com forte identidade cultural pesqueira e/ou portuária, onde foram implantados distritos industriais e pólos navais, com maciços investimentos públicos e privados, por estratégia geopolítica. Desde sua implantação, Rio Grande e Cubatão refletem situações e problemas similares: ambos os distritos industriais foram impostos durante a ditadura militar brasileira, com um grande passivo socioambiental decorrente da contaminação do ar, do solo, das águas e alimentos pelos efluentes industriais (fertilizantes e refinaria). A situação atual de caos urbano em Rio Grande (especulação, hiperinflação e violência) e poluição (metais pesados e tintas tóxicas anti-incrustantes), decorrentes da implantação do recente pólo naval, já havia sido registrada em Macaé, mas não foram consideradas as suas implicações no planejamento e gestão regional, ofuscadas pelo atendimento aos interesses políticos momentâneos e ao mercado transnacional

Palavras-chave: Poluição, Rio Grande, Cubatão, Macaé.

ARQUEOBOTÂNICA EM SÍTIO ARQUEOLÓGICO GUARANI: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A COLETA DE VESTÍGIOS VEGETAIS

FERNANDA SCHNEIDER

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES (Bolsista CAPES). Graduada em História, Centro Universitário UNIVATES. fernandaschneider@universo.univates.br.

NELI TERESINHA GALARCE MACHADO

Arqueóloga, Professora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES. nelitgm@terra.com

Resumo: O estabelecimento humano em determinada região está intimamente ligado à formação de paisagens culturais. As áreas florestadas do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, foram ocupadas por diversas sociedades ao longo do tempo, porém, pouco se sabe sobre a história ambiental de grupos pré-coloniais. Com o intuito de contribuir com o tema, este trabalho propõe verificar a potencialidade de coleta de vestígios vegetais em sítio arqueológico Guarani, podendo contribuir para o entendimento paleoetnobotânico e paleoecológico regional. Como estudo de caso, selecionou-se o sítio arqueológico RS-T 114, localizado no município de Marques de Souza. A metodologia aplicada tomou como base o trabalho de Scheel-Ybert (2004), com adaptações a partir de Jasper et al (2011). A coleta de sedimento foi realizada em duas áreas distintas: no talude do rio e na planície de inundação. Após a finalização da etapa de coleta, as amostras de ambas as áreas foram levadas para laboratório. Foram encontrados vestígios arqueológicos, arqueofaunísticos e arqueobotânicos (carbonizados e não carbonizados). Notou-se considerável presença de vegetais carbonizados em ambas as áreas. A análise antracológica, visando à identificação de espécies de vegetais, constitui-se em uma próxima etapa.

Palavras-chave: Arqueologia, Arqueobotânica, História Ambiental.

Referências bibliográficas

JASPER, André; UHL, Dieter; GUERRA-SOMMER, Margot; BERNARDES-DE-OLIVEIRA, Mary Elizabeth Cerruti; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Upper Paleozoic charcoal remains from South America: Multiple evidences of fire events in the coal bearing strata of the Paraná Basin, Brazil. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, p. 205-218, 2011.

SCHEEL-YBERT, Rita. Teoria e Métodos em Antracologia: Considerações Teóricas e Perspectiva. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v.62, n.1, p.3-14, Jan/mar. 2004.

**“ADEUS AOS LIXÕES”:
UMA INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL DA
CIDADE DO RIO GRANDE /RS (DÉCADA DE 1990).**

HARDALLA SANTOS DO VALLE

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas- PPGE/UFPEL. hardalladovalle@gmail.com.

Resumo: Muito se discute sobre o que realmente deve ser feito para gerar um amanhã mais digno e igualitário, principalmente, dentro das universidades. Com efeito, o que estamos propondo é a análise sobre o projeto “Adeus aos lixões” que colocou em prática a teoria adquirida na academia, construindo dessa forma uma intervenção socioambiental que estimulou e transformou a comunidade rio-grandina. Contudo, mesmo com sua forte atuação, o projeto ao longo dos anos foi sendo esquecido e os hábitos cultivados enfraquecidos, restando somente a todos aqueles que vivenciaram o seu auge questionar: O que aconteceu? Essa intervenção teve resultados permanentes? Quais os vestígios que ainda podemos observar dessa história? Elementos que serão observados no decorrer desse trabalho.

Palavras-Chave: História Ambiental, Educação Ambiental, Consciência Socioambiental

BIOMA PAMPA E PAISAGEM CULTURAL: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL

FRANK GONÇALVES PEREIRA

Mestre em Geografia FURG. frank.geo@hotmail.com

Resumo: O seguinte trabalho apresenta o estudo sobre a percepção da paisagem do Bioma Pampa e as implicações da atividade da silvicultura (PEREIRA, 2012). O debate em torno dos impactos da silvicultura foi identificado no meio acadêmico, em eventos científicos e na sociedade em geral (BINKOWSKI, 2009; SCHWANZ, 2010). No entanto, estudos apontam que a silvicultura pode ser menos prejudicial que outras atividades agropecuárias tidas como não impactantes (POORE; FRIES, 1985; FOELKEL, 2005). Nesse sentido, verificou-se a hipótese de que o verdadeiro argumento contrário ao plantio de eucaliptos seja a dimensão cultural da paisagem. O estudo objetivou identificar a preferência e a Imagem da paisagem do Bioma Pampa. A metodologia pautou-se nos pressupostos da percepção ambiental e teve como universo de pesquisa 229 universitários (ZUBE, et al., 1982). O tratamento dos dados, através da metodologia de Análise de Componentes Principais, revelou que a silvicultura tende a descaracterizar a paisagem cultural, portanto sendo esse seu maior impacto, visto que as paisagens agropecuárias tradicionais e naturais campestres são as mais preferidas e mais representativas do Pampa. Os resultados podem subsidiar ações de Educação Patrimonial e Ambiental, auxiliando no entendimento dos reais impactos ambientais.

Palavras-chave: Pampa. Paisagem. Silvicultura.

Referências Bibliográficas:

BINKOWSKI, P. Conflitos ambientais e significados sociais em torno da expansão da silvicultura de eucalipto na “Metade Sul” do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.

FOELKEL, C. Minerais e nutrientes das árvores dos eucaliptos: Aspectos ambientais, fisiológicos, silviculturais e industriais acerca dos elementos inorgânicos presentes nas árvores. Eucalyptus Newsletter, n. 2, out. 2005. Disponível em: <http://www.eucalyptus.com.br/capitulos/capitulo_minerais.pdf>. Acessado em: 14/08/2012.

PEREIRA, F. G. O pampa como bioma e paisagem cultural: Um estudo de percepção ambiental e preferência paisagística. 2012. 167 f. Dissertação (Mestrado e Geografia). Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

POORE, M. E. D.; FRIES, C. The ecological effects of eucalyptus. Roma: FAO Forestry paper 59, 1985. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/015/an793e/an793e00.pdf>>. Acessado em: 20/07/2013.

SCHWANZ, A. K. Florestamento – Desenraizamento: a transformação da paisagem nos pampas e a identidade do gaúcho. 2010. 216f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR.

ZUBE, E.H.; SIMCOX, D.E.; LAW, C.S. Perceptual landscape simulations: history and prospect. In: Landscape Journal, 1987. (v. 6) p. 62 – 80.

ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES NUM CURSO NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

MARISTELA DUTRA

Mestre em Educação Ambiental, Professora de História do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. maristelavdutra@gmail.com

Resumo: Este estudo é resultado de minha dissertação de mestrado, a qual teve como objetivo problematizar e perceber a Educação Ambiental e o curso de especialização como mecanismos capazes de subjetivar e de incidir produtivamente sobre os estudantes que por ele passaram. Utilizo como referência teórica algumas pistas das problematizações desenvolvidas pelos estudos de Michel Foucault (1995:242; 2009:30,154; 2010:235) sobre poder e subjetivação, bem como, estudos de Tomaz Tadeu da Silva (2006:12, 2010:15-17,135) sobre currículo. Ao longo da investigação procuro mostrar que a Educação Ambiental e a sua profissionalização se estabelecem como mecanismos eficazes para a constituição de subjetividades desejadas. Através de técnicas e procedimentos relacionados ao campo ambiental se instituem tecnologias de poder e de subjetivação com a finalidade de governar as condutas dos sujeitos que, atravessados por essas relações, tendem a desenvolver determinados modos de se relacionar consigo mesmos e com os outros. Nesse sentido, ao legitimar as práticas pedagógicas dos estudantes, o curso lhes autorizou a falar sobre Educação Ambiental, conduziu e movimentou um conjunto de atividades, de técnicas e de procedimentos com os quais os egressos atuaram sobre si mesmos, produzindo suas subjetividades.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Subjetivação, Currículo.

Referências bibliográficas:

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **Documentos de Identidade** - uma introdução às teorias do currículo. 3ª. Ed.1. reimp – Belo Horizonte: Autêntico, 2010.

A PRESENÇA JÊ MERIDIONAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO FORQUETA/RS SOB UMA ABORDAGEM HISTÓRICO AMBIENTALISTA

SIDNEI WOLF

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates. sidneiwolf@univates.br

NELI T. G. MACHADO

Coordenadora do Setor de Arqueologia/Professora no Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates. ngalarce@univates.br

Resumo: O homem transformou e moldou o ambiente desde os primórdios de sua história, criando paisagens antropizadas, tanto sob uma ótica física, social e simbólica. A Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS apresenta um mosaico de ocupações pré-coloniais, incluindo populações caçadoras-coletoras, Jê Meridionais e Guarani. Nesse trabalho, procuramos refletir acerca da expansão territorial Jê Meridional na Bacia do Rio Forqueta, apresentando as áreas preferencialmente ocupadas, as matérias-primas utilizadas na confecção de artefatos líticos e aspectos relacionados à subsistência destes assentamentos. A passo que a grande maioria dos sítios no RS e SC localizam-se em áreas com predominância da Floresta Ombrófila Mista, e o pinhão configurava-se como uma ótima fonte de alimentação, relatada pela etnografia do século XIX, procurou-se relacionar com o avanço da *Araucaria Augustifolia* pelas terras altas do sul do Brasil. Os resultados indicam uma ocupação que se inicia por volta do ano 950 A.D, caracterizada pela presença de sítios com engenharia de terra (estruturas subterrâneas), e sítios superficiais, com predominância na utilização do basalto como matéria-prima.

Palavras-chave: Jê Meridionais, Araucaria Angustifólia, Paisagem Antropizada

A OCUPAÇÃO HUMANA DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DA APA TAMBABA: UM OLHAR HISTÓRICO AMBIENTAL

RONALDO LEÃO SOARES

Mestrando PRODEMA/UFPB. ronaldoleaos@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, contemplamos alguns aspectos da história ambiental do litoral sul da Paraíba, mais especificamente da APA Tambaba e seus recursos hídricos, através da ocupação humana e suas consequências para o meio ambiente, principalmente para as bacias hidrográficas que estão sendo invadidas por loteamentos imobiliários (ir)regulares que removem a cobertura vegetal das margens aumentando os riscos de ocorrer assoreamento e erosão das margens, além da degradação dos cursos d'água. A ocupação humana no litoral paraibano é anterior a chegada dos portugueses, porém é a partir do desembarque dos europeus por essas bandas que se dá a degradação ambiental em grande escala, a começar com a retirada do Pau-Brasil, depois com a produção de cana de açúcar - responsável pela inserção de outro grupo humano na região os africanos, escravos trazidos para trabalhar nos engenhos. Diante do que analisamos, conclui-se que historicamente a região vem a séculos sofrendo com a interferência humana, e só num período bem recente é que se pensou numa proposta de preservação ambiental delimitando um espaço para isso. A soma desses fatores nos remete a uma proposta de um planejamento ambiental amplo, para os recursos hídricos da APA Tambaba, que atenda todos os atores envolvidos, físicos e humanos: a bacia ambiental.

Palavras-chave: História Ambiental; Ocupação Humana; APA Tambaba

AS PECULIARIDADES DO CRESCIMENTO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX

JANAINA SCHAUN SBABO

Acadêmica do curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande. Estagiária do Centro de documentação Histórica “Prof. Hugo Alberto Pereira Neves” (CDH-FURG). janainasbabo@yahoo.com.br

CARMEM G. BURGERT SCHIAVON

Doutora em História PUC-RS. Professora dos cursos de História da Universidade Federal do Rio Grande. Coordenadora do Centro de Documentação Histórica “Hugo Alberto Pereira Neves” (CDH-FURG). cgbshchiavon@yahoo.com.br

Resumo: A composição do setor industrial da cidade do Rio Grande pode ser considerada um reflexo das inúmeras transformações que estavam ocorrendo no quadro socioeconômico de nosso país, em um período que compreende o final do século XIX. Com base nessas considerações, o objetivo da presente comunicação consiste na análise do processo de industrialização do município, entendendo a influência desse decurso na constituição do proletariado urbano da cidade e, a partir deste, privilegia-se o estudo acerca dos aspectos que propiciaram a formação de uma corporação de trabalhadores que colaboraram na estruturação de uma sociedade rio-grandina; no caso, a Sociedade União Operária do Rio Grande. Com isso, procura-se analisar os elementos que favoreceram a composição desta instituição sindical em um período que compreende os anos de 1893-1911, momento responsável por inúmeras transformações na economia da região. Para tanto, o aporte metodológico da pesquisa consiste na análise documental do acervo da Sociedade União Operária, materiais localizados no Centro de Documentação Histórica “Prof. Hugo Alberto Pereira Neves” (CDH-FURG).

Palavras-chave: Industrialização, Movimento Operário, Rio Grande

**A ILHA DA TOROTAMA SOB A PERSPECTIVA DO ESTADO:
PROBLEMATIZANDO A VISÃO DA EMATER SOBRE A COMUNIDADE
TRADICIONAL NA DÉCADA DE 90**

LISIANE COSTA CLARO

Bacharel e licenciada em História, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande, PPGEDU/FURG. lisianecostaclaro@hotmail.com

VILMAR ALVES PEREIRA

Professor Doutor em Educação dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande, PPGEDU e PPGEA/FURG. vilmar1972@gmail.com

Resumo: O estudo investiga os sentidos atribuídos pelo Estado a um espaço pesqueiro artesanal na década de 90. A pertinência dessa pesquisa ocorre a partir da necessidade de problematizar algumas imagens e discursos, os quais são historicamente naturalizados em torno de comunidades tradicionais. Nesse horizonte, a Ilha da Torotama (Rio Grande/RS) carrega algumas imagens construídas a partir das intervenções que a EMATER realizou, nos anos 90, ao propor alguns projetos de cunho educativo nesse ambiente. Ao utilizar a Análise Documental (Le Goff, 1995) para estudar dois relatórios produzidos pela EMATER sobre a comunidade, compreende-se que as noções de Educação e Educação Ambiental tomadas pelo Estado, atuam de forma crucial na construção das imagens do coletivo pesqueiro. Com efeito, a investigação histórica acerca dessas construções tornou-se indispensável para a problematização dos sentidos produzidos em torno da Ilha, os quais partem da lógica que sobrepunha os interesses capitalistas acima das formas sustentáveis de se viver, culpabilizando os próprios pescadores artesanais e tomando ações assistencialistas as quais eximem o Estado de suas responsabilidades – legando assim uma imagem da comunidade da Torotama, a qual deve ser questionada, embasada em alienação, carência e desrespeito ao ambiente.

Palavras-chave: Estado, EMATER, Ilha da Torotama

Referência:

LE GOFF, J. **A história nova**. In: A história nova (p.25-64). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

- Afro-Brasileira, Cultura, 27, 28
- Águas
Gestão das, 22
- Ambiental, 32
Educação, 41, 43
História, 20, 22, 29, 30, 31, 33, 40, 41, 45
Impacto, 21, 22
Meio Ambiente, 36
- Antropismo
Ação Antrópica, 21
Fenômeno Urbano, 15
Ocupação Humana, 45
Paisagem Antropizada, 44
- Araucaria Angustifolia*, 44
- Arqueobotânica, 40
- Arqueologia, 40
Arqueobotânica, 40
- Arquivo, 25
- Arroio, 18
- Balneário, 21
- Biologia, 34
- Caminhadas, 35
- Cidade, 15
- Clima
Eventos Extremos, 17
- Colonização
Processo Colonizatório, 14
- Commons*, 37
- Complexidade, Teoria da, 29
- Consciência Socioambiental, 41
- Convivência, 19
- Cotidiano, 17
- Crianças, 24
Percepções Infantis, 24
- Cubatão, 39
- Cultura
Afro-Brasileira, 27, 28
Alemã, 37
- Currículo, 43
- Degradação, 11
- Diversidade, 28
- Documentação, 25
- Educação, 13, 27
- Educação Física, 35
- EMATER, 47
- Enchente de 1941, 17
- Enchentes, 19
- Epistemologia, 29
- Espaço Territorial, 14
- Espaços Públicos, 24
- Estado, 47
- Eucaliptos, 36
- Eventos Climáticos Extremos, 17
- Fenômeno Urbano, 15
- Florestas, 37
- Fontes, 34
- Governo, 13
- História, 16, 18, 26, 27, 34, 38
Ambiental, 20, 22, 29, 30, 31, 33, 40, 41, 45
Ensino de, 33
Oral, 16
- Horta Ecológica Escolar, 33
- Imigração
Alemã, 37
- Industrialização, 46

- Interdisciplinaridade, 35
- Inundações, 18
- Itajaí/SC, 19
- Jê Meridionais, 44
- Lamego, Alberto, 31
- Macaé, 39
- Meio Ambiente, 36
- Memória, 26
- Modificações, 36
- Movimento Operário, 46
- Natureza, 13, 38
 Representações de, 30
- Ocupação Humana, 45
- Paisagem, 42
- Paisagem Antropizada, 44
- Pampa, 20, 42
- Patrimônio, 23, 25, 26
- Pertencimento, 12
- Poluição, 39
- Preservação, 11
- Recanto, 23
- Relações, Rede de, 15
- Religiosidade, 23
- Representações Sociais, 12
- Rio de Janeiro, 31
- Rio Grande, cidade, 28, 30, 38, 39, 46
- Saint-Hilaire, 20, 30
- Silvicultura, 42
- Sinos, Rio
 Banhados, 11
- Social
 Representação, 12
- Socioambiental
 Consciência, 41
 Memória, 16
- Soja, 32
- Subjetivação, 43
- Sustentabilidade, 12
- Taquari, rio
 Vale do, 32
- Terra
 Uso da, 14
- Torotama, ilha da, 47
- Urbano, Fenômeno, 15

ÍNDICE DOS AUTORES

POR PRENOME:

- Álvaro Luis Ávila da Cunha, 35
Andrelise Santorum, 28
Bárbara Taborda Chaves, 25
Bread Estevan, 39
Caio Floriano dos Santos, 19
Camila Rola Alves, 23
Carlos R. S. Machado, 13
Carmem G. Burgert Schiavon, 27, 28, 46
Cibele Hax Gonçalves, 18
Daniel Porciuncula Prado, 16, 36
Daniela da Silva Pieper, 12
Dilson Vargas-Peixoto, 34
Edison Luis Finkler, 35
Eduardo Périco, 22
Eduardo Relly, 37
Eron da Silva Rodrigues, 13
Fabiano Mello da Costa, 14
Fabiano Quadros Rückert, 11
Fernanda Schneider, 40
Filipi Vieira Amorim, 29
Frank Gonçalves Pereira, 42
Gabriel Ferreira, 38
Hardalla Santos do Valle, 41
Inês Aguiar de Freitas, 31
Janaina Schaun Sbabo, 27, 46
Jane Márcia Mazzarino, 22
João Davi Oliveira Minuzzi, 20
Juliana P. Pino, 33
Kathleen Kate Dominguez Aguirre, 13
Katia Mariele do Amaral Rolim, 35
Laura Barbieri de Oliveira, 22
Lisiane Costa Claro, 47
Luana de Souza Trindade, 31
Lucas da Silva Brandão, 16
Luhana Baddini, 38
Luiz Henrique Torres, 17
Luiz Paulo Soares, 27
Marcela de Avellar Mascarello, 19
Marcos Rogério Kreutz, 32
Maristela Dutra, 43
Mateus da Silva Costa, 21
Milene Chaves Cabral, 26
Nadia R. da Costa Jaques, 36
Neli Teresinha Galarce Machado, 32, 37, 40, 44
Pâmela Saraiva Miranda, 24
Rafael de Souza Dias, 31
Raphael Colvara Pinto, 15
Ronaldo Leão Soares, 45
Sidnei Wolf, 44
Taciane Borges Umpierre, 30
Vanessa DE Cássia Panick Lopes, 27
Vânia Alves Martins Chaigar, 24
Vilmar Alves Pereira, 47
Washington Ferreira, 39

POR SOBRENOME:

AGUIRRE, Kathleen Kate D., 13
ALVES, Camila R., 23
AMORIM, Filipi V., 29
BADDINI, Luhana, 38
BRANDÃO, Lucas, 16
CABRAL, Milene C., 26
CHAIGAR, Vânia A. M., 24
CHAVES, Bárbara T., 25
CLARO, Lisiane C., 47
COSTA, Fabiano M., 14
COSTA, Mateus S., 21
CUNHA, Álvaro Luis A., 35
DIAS, Rafael S., 31
DUTRA, Maristela, 43
ESTEVAN, Bread, 39
FERREIRA, Gabriel, 38
FERREIRA, Washington, 39
FINKLER, Edison L., 35
FREITAS, Inês A., 31
GONÇALVES, Cibele, 18
JAQUES, Nádia R. C., 36
KREUTZ, Marcos R., 32
LOPES, Vanessa C. P., 27
MACHADO, Carlos R. S., 13
MACHADO, Neli T. G., 32, 37, 40, 44
MASCARELLO, Marcela A., 19
MAZZARINO, Jane M., 22
MINUZZI, João Davi O., 20
MIRANDA, Pâmela S., 24
OLIVEIRA, Laura B., 22
PEREIRA, Frank G., 42
PEREIRA, Vilmar A., 47
PÉRICO, Eduardo, 22
PIEPER, Daniela S., 12
PINO, Juliana P., 33
PINTO, Raphael C., 15
PRADO, Daniel P., 16, 36
RELLY, Eduardo, 37
RODRIGUES, Eron S., 13
ROLIM, Katia M. A., 35
RÜCKERT, Fabiano Q, 11
SANTORUM, Andrelise, 28
SANTOS, Caio F., 19
SBABO, Janaina S., 27, 46
SCHIAVON, Carmem G. B, 27, 28, 46
SCHNEIDER, Fernanda, 40
SOARES, Luiz Paulo, 27
SOARES, Ronaldo L., 45
TORRES, Luiz Henrique, 17
TRINDADE, Luana S., 31
UMPIERRE, Taciane B., 30
VALLE, Hardalla S., 41
VARGAS-PEIXOTO, Dilson, 34
WOLF, Sidnei, 44